



HERBERTO HELDER E GASTÃO CRUZ: ELES VOLTAM-SE PROFUNDAMENTE DENTRO DO FOGO

Amanda Damasceno (UFF/CNPq)

Orientador: Luis Maffei

Mestranda

RESUMO: A poesia portuguesa é imensa e, ao longo dos séculos, foi palco para a ascensão de alguns nomes incontornáveis. Se penso nos séculos XX e XXI, por exemplo, Gastão Cruz e Herberto Helder figuram entre eles. Os poetas têm sua estreia na segunda metade do século XX, ao lado de muitos dos nomes significativos à poesia portuguesa de todos os tempos. O seguinte trabalho pensa, entre versos de Gastão e Herberto, a temática do fogo, como imagem de técnica e partilha, observando suas manifestações entre essas duas potências literárias.

PALAVRAS-CHAVE: Herberto Helder, Gastão Cruz, Fogo, Poesia; Técnica.

*Amo devagar os amigos que são tristes
com cinco dedos de cada lado.
Os amigos que enlouquecem
e estão sentados,
fechando os olhos,
com os livros atrás a arder
para toda a eternidade.*

*Não os chamo,
e eles voltam-se profundamente*



dentro do fogo.

- Temos um talento doloroso e obscuro.

Construímos um lugar de silêncio.

De Paixão.

Herberto Helder

O fogo é, essencialmente, matéria de transformação: um processo químico que, independentemente de sua duração, possibilita movimento, transforma materiais, modifica texturas e, não menos importante, acende objetos e inflama corpos.

O trabalho que desenvolvo pretende pensar a poesia sob a legibilidade desse elemento – ou algumas recorrências desse elemento nas poéticas de Gastão Cruz e Herberto Helder e as legibilidades possíveis a partir disso – então acabo por retornar às origens, ainda que o trabalho proposto não se fixe numa ordem cronológica.

Como forma de início, cito Silvina Lopes (2003, p. 40-41):

No princípio era o fogo. Entre as lendas que se referem à técnica, a que é protagonizada por Epimeteu e Prometeu fala-nos daquilo que Lacan designou por prematuridade do homem e sua falha original. Segundo uma das versões do mito, quando Epimeteu distribuiu aos animais os presentes de Deus, coisas como garras, asas, peles deslumbrantes ou dentes ferozes, não fez bem a partilha e esqueceu-se do homem, deixou-o sem nada: nu, descalço e indefeso. Foi para suprir essa falta que Prometeu roubou o fogo e o deu aos homens, possibilitando-lhes *desenvolver a técnica(...)*.
(*grifomeu*)

Destaco técnica no trecho de Silvina porque parece palavra potente para pensar poesia, já que, nas palavras de Ruy Belo, em *Na senda da poesia*, “nada do que é humano é espontâneo” (BELO, 2002, p. 94); nem o poema, principalmente o poema. “Para suprir” uma “falta” Prometeu roubou o fogo, segundo a versão do mito destacada por Silvina Lopes, como maneira de compensação a uma humanidade “indefesa”, marcada por uma inaptidão inerente e irremediável.

A “falta” humana é suprida, de alguma forma, quando Prometeu entrega o fogo aos homens, mas suprida por um material potencialmente fluido e ambivalente, ao contrário dos presentes que foram atribuídos aos animais: garras, asas, peles deslumbrantes ou dentes

ferozes, ambos artifícios de sobrevivência para o mundo, ou maneiras de sobreviver ao mundo.

Citando Heráclito de Éfeso, para quem o fogo era o elemento inicial: “Um fogo (...) que se acende e apaga, um fogo eternamente em movimento” (In BORNHEIM, 2001, p. 38) e seguindo pela ambivalência do que está “eternamente em movimento”, em polos extremos, como aceso e apagado ou, pensando no Cristianismo, no elemento que tem relação direta com o céu e com o inferno: Jesus Cristo, o deus filho, é a figura que “batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mateus 3:11) e, ao mesmo tempo, há o “fogo do inferno” (Marcos 9: 48) que deve ser temido. Como interseção entre esses dois pontos, Deus é, ao longo do livro dos Hebreus, apresentado como “um fogo consumidor” (Hebreus12:29). Aqui, é tentação máxima a hipótese levantada por alguns etimólogos de que os vocábulos *fogo* e *puro* têm origem no mesmo radical grego: *pyr*. O elemento primordial puro, pois, capaz de proporcionar essa purificação que se dá, através do fogo, no fogo, com a experiência viva que se materializa no corpo – e corpo nos serve tanto para delimitar nosso material humano cheio de ossos e pele e sangue quanto para delimitar o material de palavras a que chamamos de poemas.

Se há técnica, então, só é possível uma técnica “eternamente em movimento”, inclusive em relação com o sagrado. Por isso, a escolha da poesia – lugar de deslocamentos – para pensar recorrências de *fogo*; Agora, então, após a breve introdução temática, o início do mergulho: dois poetas portugueses do século XX: Gastão Cruz, que estreia, em 1961, com *A morte percutiva*, e Herberto Helder, também com seu livro inicial, *A colher na boca*, datado de 1961. Herberto e Gastão possuem poéticas distintas entre si, ainda que contemporâneos e bons interlocutores, leitores de si. Herberto Helder e Gastão Cruz possuem duas obras que apresentam, em seu título, a temática desta pesquisa: *A faca não corta o fogo*, daquele, cuja primeira publicação se dá em 2008 e *Fogo*, deste, penúltimo livro do autor editado em 2013.

Início pelo livro de Gastão, cujo título já remete à técnica, onde ainda é possível encontrar a forte presença da fotografia. Cito:

Existiam entao esses momentos
Que a câmara
Do tempo nao retina? Ao rio das
Manhãs nao voltariamos?
Sao as coisas concretas as mais claras
O suor o quarto a roupa abandonada

(CRUZ, 2013, p.58)

E fotografia é, se recorro à etimologia, uma espécie de marca (grafia, transcrição, pois) da luz. Cito agora o poema de abertura, entre fotografia e fogo:

Há dias em que em ti talvez não pense
A morte mata um pouco a memória dos vivos
É todavia claro e fotográfico o teu rosto
Caído não na terra mas no fogo
E se houver dia em que não pense em ti
Estarei contigo dentro do vazio

(CRUZ, 2013, p. 37)

O poema inicial de *Fogo* já apresenta, por si, várias técnicas. Há um diálogo possível entre as várias técnicas (sobretudo a relação entre técnica e luz) e a partir – ou dentro – do fogo. E o que é a morte, tema obsessivo na poesia de Gastão Cruz, além de uma enorme e incompreensível técnica? Pauso Gastão para recordar a Herberto, naquele livro intitulado *A morte sem mestre*, já que esta técnica, a de morrer, não se aprende. Transforma-se, pois, a morte, se penso nos versos iniciais do poema de Gastão Cruz citado anteriormente – “há dias em que em ti talvez não pense/a morte mata um pouco a memória dos vivos” (CRUZ, 2013, p. 37) – que tem no fogo uma grande possibilidade de transformação. É o fogo a transformar os corpos ainda depois da morte, o elemento que permite modificar o corpo até que ele não seja mais corpo, transformar a matéria de que somos feitos, e, enfim, não aprendida, não apreendida, talvez não-pedagógica.

Porque falo em fogo – e em morte - Herberto incendeia corpos desde sempre: desde a mulher amada, no inaugural e inconfundível “O amor em visita”, cujo “corpo arderá para mim” (HELDER, 2014, p.19) proporcionando a legibilidade de um encontro brutalmente erótico até um Herberto posterior, último, cujos versos têm muito da morte, em *Poemas Canhotos*, e cito: “¿ que interessa fazer a barba se é tudo para cremar,” (HELDER, 2015, p.16), quando tudo se incendeia um pouco antes do fim. Mas, apesar da tentação, volto à *Faca que não corta o fogo* e, aqui, num dos últimos poemas do livro, em versos dedicados à morte de Mário Cesariny, há novamente um corpo a arder. Segue a íntegra do poema:

corpos visíveis
nobilíssimos
inseparável luz que move as coisas

ter um inferno à mão seja qual for a língua,
toda a água é inocente e escoá-se entre as unhas,
à porta do forno crematório alguém lhe toca,
vai lá, vai que te acolham, brilha, brilha muito, brilha tanto quanto não
[possas, brilha acima
faz brilhar a mão que melhor redemoinha,
a mão mais inundada,
e ele entra sem esperança nenhuma,
só na última linha quando o coração rebenta,
reconhece quem o olha
(HELDER, 2014, p. 614)

A faca não corta o fogo, de Herberto Helder, é um livro que proporciona incontáveis reflexões sobre a própria linguagem e suas impossibilidades. Pensando nas impossibilidades pelo recorte do fogo, é possível destacar a epígrafe do livro, um provérbio grego: “Não se pode cortar o fogo com uma faca.”, e retomando o pensamento de Marilena Chauí (2002, p. 83): “O fogo primordial é uma força em movimento, uma ação em que faz de si mesmo todas as coisas e *todas são ele mesmo*” (2002, p. 83 *grifo meu*). Daí talvez a impossibilidade de cortá-lo, tremenda força – e técnica – em movimento e, por isso, seguindo pelas possibilidades do fogo herbertiano que são muitas, fogo também é local de encontro, e cito: “quando estão na voragem da infância/ a pêra levanta fogo,/ a mão levanta fogo, troca-se o fogo/entre mão e pêra.” (HELDER, 2014, p.560). Ou seja, aqui, é o fogo o elemento de união e troca possível entre outros dois elementos naturais: mão e pera. O que há de humano com o que há de possibilidade primitiva. Pêra e mão, nos versos recém citados, e um fogo imensamente partilhável, pois transformador, e incontornável.

É através do corpo, observamos anteriormente, a experimentação de quaisquer caminhos possíveis – pedagogia camoniana, Herberto Helder continuou apontando: céu, inferno, expiações, morte. E é o corpo, por vezes, o local do incêndio:

Cito Herberto, agora em *Os selos*, já que ele me ensinou que “um poema é a melhor crítica a um poema”:

mas
se afinal a substância
de alguém que pôs a mão no fogo é igual à substância do fogo
enquanto grita. A substância de um homem e de uma estrela; a mesma.
(HELDER, 2009, p. 603).:
Ainda, cito outro poema do mesmo livro
no mundo há poucos fenomenos do fogo,
ar ha pouco,

mas quem nao queria criar uma lingua dentro da propria lingua?
eu sim queria,
o tempo doendo, a mente doendo, a mao doendo,
o modo splendor do verbo,
dentro, fundo, lento, essa língua,
errada, soprada, atenta,
mas agora ja nada me embebeda
ja nao sinto nos dedos a pulsação da caneta,
a idade tornou-me louco,
sou multiplo,
os grandes lençois de ar sacudidos pelo fogo,
noutro tempo eu cobria-me com todo o ar desdobrado,
havia tanto fogo movido pelo ar dentro,
agora nao tenho nada defronte,
nao sinto o ritmo,
estou separado, inexpugnável, incognito, pouco,
ninguem me toca,
nao toco
(HELDER, 2014, p. 574)

Se ar e fogo se mantém, como se mantém? Combustão, contato, troca, reinvenção, dependência, ciclo. O que se pretende, nesta pesquisa, é pensar como o elemento primordial de Heráclito potencializa, nos versos desses dois poetas, as leituras possíveis e como a própria poesia se reconfigura como técnica, já que, nas palavras de Herberto Helder, “Toda a profecia se fez sempre a nível de linguagem” (HELDER, 2015, p. 119). A nível de linguagem, porque linguagem é potencial reinventiva, rediviva. A essa linguagem, cujo “som” é “inesquecível” (CRUZ, 2009, p. 139), este trabalho se volta, com a ajuda de muitos leitores que pensaram e continuam pensando a poesia portuguesa dos últimos dois séculos.. E, enfim, já que fogo é elemento multivalente nessas duas poéticas: volto a Sá de Miranda: “Que farei quando tudo arde?”. Essas poéticas, cada uma a seu modo, apresentam um incêndio que é possibilidade de transformação das matérias quando em contato com o fogo. Uma poesia que é técnica de transformação principalmente porque o poema pode ser a transformação da matéria de que é feito, a transformação das palavras, a subversão da linguagem sob o fogo, e tão pouco, tão raro, fogo a cortar no mundo, mas uma poesia a arder para toda a eternidade – e encerro com o novíssimo poema de Gastão Cruz, intitulado “O forno e a face”:

Quando o dia
da noite se separa sem sabermos
qual deles nos prepara

seja para o passado (mas não há



preparação, sequer reparação
do que está selado)

seja para cumprir o contrato da nossa
tão incerta saída (de que vida?)
os astros vão

esquecer-nos e deixarão por fim
que a luz abandonando a pele há tanto ao cósmico
desígnio subjugada,

não seja mais a voz outrora já
escutada
dentro do alto forno que nos forjou a cara
(CRUZ, 20017, p. 13)

REFERÊNCIAS

- BELO, Ruy. Na senda da poesia. Organização Maria Jorge Vilar deFigueiredo. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- BORNHEIM, Gerd A. (org.). *Os Filósofos pré-socráticos*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 1.
- CRUZ, Gastão. *Observação do verão seguido de Fogo*. Rio de Janeiro: Mobile, 2013.
- CRUZ, Gastão. *Os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- CRUZ, Gastão. *Existência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2017.
- HELDER, Herberto. Os poemas. Porto: Porto editora, 2014.
- _____.A faca não corta o fogo. In: *Ofício cantante*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- _____.*Poemas canhotos*. Lisboa: Porto editora, 2015.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *A Inocência do devir – ensaio a partir da obra de Herberto Helder*. Lisboa: Vendaval, 2003.